

# A «ÁRVORE DE JESÍSE» NA ARTE PORTUGUESA

Ao Vítor Serrão

Por Flávio Gonçalves

1. Na arte cristã, o tema da *Árvore de Jessé*, que inicialmente pretendeu expor perante os olhos do fiéis a genealogia de Cristo, oferece-nos aspectos da maior curiosidade do ponto de vista iconográfico e catequético<sup>x</sup>.

O referido tema está ligado à crença judaica da origem davídica do Messias, já anunciada pelo profeta Isaías: «Nasceu-nos um menino... Deus forte... sobre o trono de David»<sup>2</sup>. De acordo com esta profecia, tanto S. Mateus, como S. Lucas, nos seus respectivos *Evangelhos*, fazem descender S. José, «o esposo de Maria», do próprio rei David — através de linha genealógica dos Reis de Judá<sup>3</sup>. O pai de David fora o proprietário Jessé, por seu turno descendente de Abraão<sup>4</sup>. Mas Isaías predissera ainda que havia

---

<sup>1</sup> Sobre o fundamento e as formas da *Árvore de Jessé*, ver: TRENDS, Manuel — *Maria. Iconografia de la Virgen en el arte espanol*, Madrid, 1947, pp. 97-108; RÉAU, Louis — *Iconographie de VArt Chrétien*, tome II — *Iconographie de la Bible* — II — *Nouveau Testament*, Paris, 1957, pp. 128-140 e 150 (bibliografia); STUBBE, A. — *La Madone dans VArt*, Bruxelles, 1958, pp. 134-137; etc. Ver também as notas 9, 10, li e 40.

No ficheiro fotográfico do «Institute Warburg» (Londres) deparou-se-me, na secção *Tree of Jesse*, uma excelente documentação iconográfica sobre o assunto.

<sup>2</sup> Velho Testamento, *Isaías*, IX, 5-6.

<sup>3</sup> *Evangelho segundo S. Mateus*, 1,1-17; *Evangelho segundo S. Lucas*, III, 23-38.

<sup>4</sup> Velho Testamento, *Lº Livro de Samuel*, XVI, 11-13 e XVII, 12; *Evangelho segundo S. Mateus*, loc. cit; *Evangelho segundo S. Lucas*, loc. cit.

Ao termo grego *Jessé* corresponde, em hebraico, *IsaL*. Ambas as formas aparecem na Bíblia.

de irromper «um ramo do tronco de Jessé» e que «uma flor» brotaria «da sua raiz»<sup>5</sup>. Desde S. Jerónimo que os comentadores da Bíblia Sagrada interpretaram tais palavras dizendo que o «tronco» saído de Jessé aludia à Virgem Maria e a «flor» significava Jesus. E da combinação do Velho e do Novo Testamentos resultaram as mais antigas composições artísticas da chamada *Arvore de Jessé*, preconizada, sem dúvida, pelos clérigos: do corpo de Jessé, em geral deitado e a dormir, barbado, nasce uma árvore em cujos ramos se vêem alguns dos Reis de Judá, tudo terminado, no alto, pela figura de Jesus Cristo, precedida pela da Virgem Maria.

É evidente que tais composições não correspondiam com exactidão à letra dos textos de S. Mateus e de S. Lucas, pois o que os dois evangelistas demonstraram foi a ascendência régia de S. José. Tendo Jesus sido concebido — segundo a doutrina evangélica — pelo Espírito Santo, portanto de um modo sobrenatural, a imagem do Salvador não devia aparecer, em vez da de S. José, no topo da genealogia deste último (que no evento representara apenas o papel de pai putativo). A crença na origem davídica de Jesus triunfou, porém, sobre a leitura racional<sup>6</sup>.

Também nos *Evangelhos* de S. Mateus e de S. Lucas não coincide o número das gerações que vão de David a Jesus, apresentando S. Mateus 26 nomes e S. Lucas 42<sup>7</sup>. Isto, todavia, não afectou os artistas, que, por razões de espaço, se limitaram, na sequência dos Reis de Judá, a mostiar apenas um número restrito deles, quase sempre só com David identificado — dedilhando a harpa, logo acima de Jessé. Nalguns casos, quando o tema já se difundira, às figuras dos Reis, guarnecidas de coroas e ceptros, juntavam-se outras, como as dos Profetas (que tinham anunciado a vinda de Jesus); por vezes surgiam em filacteras individuais os nomes das personagens representadas ou legendas identificadoras.

---

<sup>5</sup> «Egredietur virga de radice Jesse et flos de radice ejus ascendei». («E sairá um ramo do tronco de Jessé e uma flor brotará da sua raiz»). Velho Testamento, *Isaiás, XI, 1*.

<sup>6</sup> PAASSEN, Pierre Van — *Por que morreu Jesus?*, tradução de Isa Silveira Leal e Miroel Silveira, S. Paulo — Brasil, 1952, p. 26.

<sup>7</sup> A falta de correspondência entre os textos dos dois *Evangelhos* tem sido explicada de várias maneiras pelos exegetas do Novo Testamento (em especial pela lei do levirato). Ver *Bíblia Sagrada*, tradução dos textos originais, com notas, dirigida pelo Pontifício Instituto Biblico de Roma, Lisboa, Edições Paulistas, 1978, p. 1289 (nota).

A ideia da arte cristã se servir de uma árvore (ou de um motivo vegetal com raiz, caule e ramos) para aí patentear as imagens dos ascendentes de Jesus derivou, conforme tudo leva a crer, de soluções congêneres da arte oriental, onde a composição arbórea provinha, igualmente, de um corpo humano deitado<sup>8</sup>. Aliás as palavras de Isaías, ao referirem um «tronco» e uma «raiz», sugerem também uma árvore.

Foi nos finais do século XI que, no Ocidente, apareceu o tema da *Arvore de Jessé*, reproduzido, sobretudo, nas iluminuras dos códices, e depressa espalhado durante o século XII<sup>9</sup>. Perto de 1144, na célebre reconstrução da igreja da abadia de S. Dinis, nos arredores de Paris, o abade Suger encomendou um vitral dedicado ao assunto, exemplar que, por vir a ser modelo, na França e no estrangeiro, de diversas outras obras, mais alargou o conhecimento de tão típica representação<sup>10</sup>. Depois, no decurso de vários séculos, as *Arvores de Jessé* difundiram-se por toda a parte, feitas nos mais diferentes materiais: nas iluminuras, vitrais, marfins, pinturas murais e de cavalete, tapeçarias, azulejos, esculturas de madeira e de pedra, esmaltes, mosaicos, gravuras, etc.

Dera-se entretanto, a partir do século XIII, uma importante modificação no simbolismo do tema. Do alto da árvore saiu a figura isolada de Cristo e em seu lugar passou a colocar-se a da Virgem Maria com o Menino Jesus. A popularidade da devoção marial justificou esta alteração iconográfica, que jamais desapareceu enquanto se executaram, em pequenas ou grandes proporções, as *Arvores de Jessé*. Contra todo o rigor das fontes, a exposição, já de si forçada, da genealogia de Jesus, transformara-se numa indocumentada genealogia da Virgem<sup>11</sup>!

---

8 PORTER, A. Kingsley — *Spain or Toulouse? and other questions*, in «The Art Bulletin», vol. VII, Chicago, 1924, pp. 15-16; COGMARAS-WAMY, Auanda — *The Tree or Jesse and indian parallels or sources*, in «The Art Bulletin», vol. XI, Chicago, 1929 pp. 216-220; BALTRUSAITIS, Jurgis — *Le Moyen Age Fantastique. Antiquités et exotismes dans l'art gothique*, Paris, 1955, pp. 200-203.

9 WATSON, A. — *The Early Iconography of the Tree of Jesse*, London, 1934.

10 MÂLE, Émile — *L'Art Religieux du XII<sup>e</sup> siècle en France*, cap. V, 5, 6.<sup>a</sup> edição, Paris, 1953, pp. 168-175.

11 MÂLE, Émile — *UArt Religieux du XIII<sup>e</sup> siècle en France*, livro IV, cap. I, 6, 9.<sup>a</sup> edição, Paris, 1958, p. 167, nota 3; MÂLE, Émile — *VArt Religieux de la fin du Moyen Âge en France*, cap. V, 7, 5.<sup>a</sup> edição, Paris 1949, p. 217; RÉAU, Louis — *Iconographie de VArt Chrétien*, tomo II — *Iconographie de la Bible* — II — *Nouveau Testament*, Paris, 1957, p. 135.

Tornou-se vulgar dizer que as composições da *Árvore de Jessé*, pelo carácter ingénuo e profano que se lhes podia apontar, deixaram de se fazer a partir da época da Contra-Reforma. Louis Réau chega a falar do seu desaparecimento súbito nos fins do século XVI<sup>12</sup>. Não aconteceu, no entanto, assim. Se bem que cada vez em menor número — em relação ao que acontecera nos séculos anteriores —, do século XVII conservam-se na Europa ocidental conhecidos exemplares do tema. Aconteceu até que na Península Ibérica, onde o culto da Imaculada Conceição teve, na Contra-Reforma, enorme repercussão, a série das *Árvores de Jessé* aumentou substancialmente. Elas só se extinguiram, afinal, em pleno século XVIII, quando o racionalismo triunfante lhes detecou a sua expressão fictícia.

2. O estudo global das nossas *Árvores de Jessé* não tem seduzido os historiadores de arte. Exceptuem-se o curto, mas pioneiro, ensaio de Pedro Vitorino, de 1944, e alguns textos da minha autoria<sup>13</sup>. Robert C. Smith outrossim destacou a frequência do tema nos restábulos da nossa talha barroca<sup>14</sup>.

As representações da *Árvore de Jessé* chegaram-nos provavelmente por intermédio dos livros iluminados que de diversas partes importávamos. E como que a confirmá-lo está o exemplo, muito divulgado, da *Bíblia* inglesa dos séculos XII-XIII que se guarda na Biblioteca da Universidade de Coimbra (Ms. 3088-3090)<sup>15</sup>. Aí,

<sup>12</sup> RÉAU, Louis, *ob. cit.*, p. 135.

<sup>13</sup> VITORINO, Pedro — *Árvores de Jessé*, in Boletim «Douro-Litoral», 2.<sup>a</sup> série, n.1, Porto, 1944, pp. 25-30; GONÇALVES, Flávio — *Para o compreensão de um retábulo do século XVII*, in Suplemento «Cultura e Arte» do jornal «O Comércio do Porto» de 24 de Janeiro de 1961; GONÇALVES, Flávio — *As Árvores de Jessé nos retábulos de talha*, in Suplemento «Cultura e Arte» do jornal «O Comércio do Porto» de 23 de Dezembro de 1969 (texto reproduzido, com ligeiras alterações, no meu volume *A Talha da Capela da «Árvore de Jessé» da Igreja de S. Francisco do Porto e os seus autores*, Porto, 1971, pp. 8-11).

<sup>14</sup> SMITH, Robert C. — *A Talha em Portugal*, Lisboa, 1963, pp. 78-79.

<sup>15</sup> PEREIRA, Esteves — *Os Manuscritos Iluminados — XTV — Biblioteca da Universidade e Arquivos de Coimbra*, in revista «O Ocidente», vol. XVIII, Lisboa, 1895, p. 166; MORAIS, Francisco — *Da miniatura medieval e sua relação com os códices da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1929, pp. 94-97 (sepatata da revista «Biblos»); SANTOS, Reynaldo dos — *Les principaux manuscrits a peintures conservés en Portugal*, in «Bulletin de la Société Française de Reproductions de

no início do *Génesis*, uma iluminura preenche verticalmente a tarja lateral esquerda do fólio, vendo-se em baixo Jessé deitado e, no tronco que lhe nasce do ventre, quatro bustos estereotipados dos Reis de Judá — sobrepostos uns aos outros —, seguidos pelo da Virgem Maria e, no cimo, pelo de Jesus Cristo (que a pomba do Espírito Santo sobrevoa). Trata-se, pois, de um exemplo ainda da fórmula inicial das *Arvores de Jessé*, com a imagem de Jesus a rematar o conjunto.

Posterior era a *Arvore de Jessé* da frontaria da igreja da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães. Desse exemplar, contudo, só nos resta a estátua de Jessé, de calcário, que antes das obras de restauro da igreja (efectuadas em 1970-1971) esteve, no interior do templo, ao fundo do coro alto, atrás dos óculos da frontaria, e que hoje se encontra, igualmente dentro do edifício, junto à entrada e do lado da Epístola<sup>16</sup>. Na fímbria da almofada em que repousa a cabeça da estátua lêem-se, em caracteres góticos, os restos de uma inscrição latina que reproduzia as palavras de Isaías acerca do ramo do tronco de Jessé — o que logo identifica a imagem<sup>17</sup>. Estendido, de 2,70 metros de comprimento, o pai de David apoia a cabeça na mão esquerda, numa posição convencional<sup>18</sup>.

---

Manuscrits a Peintures», 14<sup>e</sup> année, Paris, 1932, p. 9, planche V a; MATTOS, Armando de—*Manual de Genealogia Portuguesa*, Porto, 1944, est. entre as pp. 32-33; GUSMÃO, Adriano de — *Os Primitivos e a Renascença*, in *Arte Portuguesa* dirigida por João Barreira, vol. II — «Pintura», Lisboa, s.d., est. da p. 84; XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura. *Os Descobrimientos Portugueses e a Europa do Renascimento. Madre de Deus* (Catálogo), Lisboa, 1983, p. 166, texto de Luís Manuel Teixeira (na Exposição o códice esteve aberto no fólio que contém a iluminura da *Árvore de Jessé*); etc.

<sup>16</sup> CALDAS, P.<sup>o</sup> António José Ferreira — *Guimarães. Apontamentos para a sua história*, vol. II, Porto, 1881, p. 26; BELINO, Albano — *Arqueologia Cristã*, Lisboa, 1900, p. 99; BARREIRA, João — *Breve notícia sobre a Arquitectura em Portugal*, in *Notas sobre Portugal*, vol. II, Lisboa, 1908, p. 221; VITORINO, Pedro — *Arvores de Jessé*, in *Boletim «Douro-Litoral»*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 1, Porto, 1944\* p. 30; AZEVEDO, António de — *Santa Maria de Guimarães. Um problema de toponímia e arqueologia artística*, Guimarães, 1956, pp. 7-8 e figs. 2 e 3; OLIVEIRA, A. de Sousa — *Pedro Vitorino e a Arqueologia românica*, in revista «O Tripeiro», 6.<sup>a</sup> série, ano IX, n.º 12, Porto, 1969, p. 354; MORAES, Maria Adelaide Pereira de — *Guimarães, Terras de Santa Maria*, Guimarães, p. 8; *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*. Número 128 — *Igreja de N. Senhora da Oliveira. Guimarães*, Lisboa, 1981, pp. 26, 35 e 76, e fig. 66; etc.

<sup>17</sup> BELINO, Albano, *ob. cit.*, p. 99; AZEVEDO, António de, *ob. cit.*, p. 8.

<sup>18</sup> O mesmo gesto faziam na Idade Média os frades cistercienses quando, em silêncio, queriam exprimir a ideia de dormir. Ver MARTINS, Mário -\* *Livros*

Do seu ventre irrompia, no exterior da igreja, sobre o pórtico principal, a bíblica árvore genealógica. Recorde-se que a igreja agora chamada de Nossa Senhora da Oliveira foi reconstruída, por ordem de D. João I, entre os fins do século XIV e os princípios do século XV<sup>19</sup>, sob a direcção do mestre João Garcia, de Toledo<sup>20</sup>. A *Árvore de Jessé* desdobrar-se-ia — hipótese já levantada<sup>21</sup> — num vitral colocado acima da estátua de Jessé? Ou constituí-la-ia uma composição pétrea? No último caso o seu autor não foi o mesmo que esculpiu as figuras das ombreiras e arquivoltas da composição arquitectónica que sobrepuja o portal. Estas figuras, bem modeladas, e metidas em nichos que lembram os da vedação do coro da Sé de Toledo<sup>22</sup>, contrastam com a escultura de Jessé, de vestes angulosas e corpo longilíneo, que evoca as jacentes do século XIII<sup>23</sup>. Por isso se aventou mais uma hipótese: a da *Árvore de Jessé*, de pedra, ser anterior à reconstrução do templo e de nele haver sido posta num outro lugar que não na frontaria<sup>24</sup>. Julgo, porém, que

---

*de Sinais dos Cistercienses Portugueses*, in «Boletim de Filologia», tomo XVII, Lisboa, 1958, pp. 320 (n.º 113) e 349 (n.º 191).

<sup>19</sup> As inscrições do início da obra e da sagração do templo são, respectivamente, de 1387 e de 1401. Mas em 1413 a obra ainda não estava concluída. Ver: VITERBO, Sousa — *Dicionário histórico e documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores portugueses ou a serviço de Portugal*, vol. I, Lisboa, 1899, pp. 411 e 412; BELINO, Albano, *ob. cit.*, pp. 97 e 105; GUIMARÃES, Alfredo — *Guimarães, Guia de Turismo*, Porto, 1940, p. 108 (ou 2.ª edição, Porto, 1953, p. 113); AZEVEDO, António de, *ob. cit.*, p. 34 (notas 5 e 7); etc.

<sup>20</sup> O seu nome figura nas inscrições do início e da sagração do templo (ver a nota 19). Sabemos que era um artista de Toledo (e que trabalhara anteriormente para o rei D. Fernando) por uma inscrição patente no claustro do convento de Alpendurada (Marco de Canavezes). Ver: RIBEIRO (João Pedro) — *Dissertações Cronológicas e Críticas*, tomo I, Lisboa, 1810, p. 380; MATTOS, Armando de — *Dois Estudos*, Porto, 1943, p. 45; etc.

<sup>21</sup> VITORINO, Pedro, *art. cit.*, p. 30; LINO, António — *A Arte na Idade Média*, in «Actas» do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada, vol. IV, Guimarães, 1981, p. 251.

<sup>22</sup> CORREIA, Vergílio — *A Arte; o século XV*, in *História de Portugal* dirigida por Damião Peres, vol. IV, Barcelos, 1932, p. 382 (ou *Obras* de Vergílio Correia, vol. II, Coimbra, 1949, p. 106); CHICÓ, Mário Tavares — *O Mosteiro da Batalha e a Arquitectura em Portugal no fim do século XIV e no século XV*, in *História da Arte em Portugal* iniciada por Aarão de Lacerda, vol. II, Porto, 1948, pp. 62-63.

<sup>23</sup> BRITO, Luís Filipe Aviz — *A imagem da padroeira da Colegiada e de Portugal representada na frontaria do templo*, in «Actas» do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada, vol. IV, Guimarães, 1981, pp. 409-411.

<sup>24</sup> Idem, *ibidem*, pp. 411-412.

existiu uma *Arvore de Jessé* sobre o pórtilo da igreja, lateralmente acompanhada, nas tabelas esculpidas, pelas imagens religiosas, de calcário, que lá continuam: o grupo da *Anunciação*, *S. Tiago Maior*, *S. João Evangelista*, *S. Pedro* e *S. Paulo*<sup>25</sup>. Mas nos começos da segunda metade do século XVI, em 1554 e em 1556, o arcebispo de Braga D. Frei Baltasar Limpo ordenou, em visitas realizadas naqueles anos à Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, que se fizesse o «espelho do coro» da igreja, «redondo» e «com vidraça branca e rede de fio da parte de fora»<sup>26</sup>. No cumprimento destas ordenações desapareceram o vitral ou as esculturas da *Arvore de Jessé* da frontaria<sup>27</sup>, substituídos pela janela circular que passou a iluminar o coro, da qual já nos falamos, por 1690, o Pe. Torcato de Azevedo<sup>28</sup> e, por 1700, o Pe. Carvalho da Costa<sup>29</sup>. No século XVI, ao abrir-se a janela, se colocaria dentro do coro a estátua de Jessé. Depois, no século XVII, mais dois óculos se abriram, abaixo da janela, e, talvez no século XIX, ainda outro, oval, no topo do frontispício<sup>30</sup>. Todas estas aberturas foram fechadas durante o restauro do templo<sup>31</sup>.

---

<sup>25</sup> AZEVEDO, António de, *ob. cit.*, pp. 26-31; ALMEIDA, CA. Ferreira de — *A Anunciação na Arte Medieval em Portugal. Estudo Iconográfico*, Porto, 1983, p. 15 (n.º 18).

<sup>26</sup> *Para a História da Colegiada de Guimarães. Visitações dos Arcebispos de Braga à Colegiada de N.ª S.ª da Oliveira entre os séculos XVI e XVIII*, in «Boletim de Trabalhos Históricos» (do Arquivo Municipal de Guimarães), vol. IX, n.ºs 3-4, Guimarães, 1944, pp. 114 e 132.

<sup>27</sup> Foi Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas quem pela primeira vez correccionou estas medidas tomadas após as *visitações* e o desaparecimento da *Árvore de Jessé*. Ver: FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e — *Igreja de Nossa Senhora da Oliveira. Notícia Histórica*, in *Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, n.º 128, Lisboa, 1981, p. 26.

<sup>28</sup> AZEVEDO, P.ª Torcato Peixoto de — *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*, Porto, 1845, p. 205 (Ms. de 1692).

<sup>29</sup> COSTA, P.ª António Carvalho da — *Corografia Portuguesa*, tomo I, Lisboa, 1706, p. 29.

No vol. IV (Lisboa, 1712) do seu *Santuário Mariano*, Fr. Agostinho de Santa Maria, que, como veremos, tanta atenção deu às *Árvores de Jessé*, igualmente não referiu qualquer exemplar do tema quando descreveu a igreja de Nossa Senhora da Oliveira (p. 60).

<sup>30</sup> BELINO, Albano, *ob. cit.*, p. 99.

<sup>31</sup> *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, n.º 128, p. 75 e figs. 22 e 23.

3. Na nossa Idade Média e no século de Quinhentos sempre a Virgem Maria andou associada, devotamente, à profecia de Isaías sobre Jessé. Tal se constata nas ladainhas<sup>32</sup>, nas alegorias literárias<sup>33</sup> e em escritores como Gil Vicente<sup>34</sup> e Sá de Miranda<sup>35</sup>. Do mesmo modo, os livros de orações que encomendávamos na Flandres ou a artistas flamengos continham, em geral, iluminuras com a *Arvore de Jessé*. Testemunham-no vários códices: o *Livro de Horas* da Biblioteca Nacional de Lisboa<sup>36</sup>, o *Breviário* da Rainha D. Leonor (agora na Biblioteca Pierpont Morgan, em Nova Iorque)<sup>37</sup>, o *Breviário* de D. Manuel (?) da colecção Mayer van der Bergh (Antuérpia)<sup>38</sup> e o *Livro de Horas* dito de D. Manuel (no Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa)<sup>39</sup>.

---

32 MARTINS, Mário — *Ladainhas de Nossa Senhora em Portugal (Idade Média e séc. XVI)*, Lisboa, 1961, p. 58 (separata da revista «Lusitânia Sacra»).

33 MARTINS, Mário — *Alegorias, símbolos e exemplos morais na Literatura Medieval Portuguesa*, Lisboa, 1975, pp. 71 e 186.

34 VICENTE, Gil — *Obras*, Porto, 1965, p. 509 (*Auto de Mofina Mendes*).

35 MIRANDA, Francisco de Sá ás — *Obras Completas*, Lisboa, 1937, p.5 (*Canção a Nossa Senhora*)

36 Sobre este códice, ver: SANTOS, Reynaldo dos — *Les principaux manuscrits à peintures conservés en Portugal*, in «Bulletin de la Société Française des Reproductions de Manuscrits à Peintures», XIV<sup>e</sup> année, Paris, 1932, p. 18, planche XXIIb; GUSMÃO, Adriano de — *Os Primitivos e a Renascença*, in *Ártê Portuguesa* dirigida por João Barreira, vol. II — «Pintura», Lisboa, s. d., p. 108; SCHAEFER, Claude — *Un Livre d'Heures Ganto-Brugeois, Ms. 16 de la Biblioteca Nacional a Lisbonne*, in «Arquivos do Centro Cultural Português», vol. IX, Paris, 1975, pp. 399-414 e planche 3 a.

37 Sobre este códice, ver: SIMKHOVITCH, Vladimir G. — *A Predecessor of the Grimani Breviary*, in «The Burlington Magazine», vol. X, n.º 48, London, 1907, p. 400-405; SANTOS, Reynaldo dos, *ob. cit.*, p. 18; SANTOS, Reynaldo dos — *O Livro de Horas da Rainha D. Leonor, de António de Holanda*, in Boletim «Belas Artes», 2.ª série, n.ºs 13-14, Lisboa, 1959, pp. 3-6; AGUIAR, António de — *A Genealogia Iluminada do Infante Dom Fernando por António de Holanda e Simão Bening*, Lisboa, 1962, pp. 134-137; MARTINS, Mário — *Estudos de Cultura Medieval*, Braga, 1969, pp. 189-203; SANTOS, Reynaldo dos — *Oito Séculos de Arte Portuguesa*, vol. III, Lisboa, s.d., pp. 289-292; MARKL, Dagoberto — *Livro de Horas de D. Manuel*, Lisboa, 1983, pp. 25-30; etc.

38 Sobre este códice, ver: FIGUEIREDO, José de — *Museu Nacional de Arte Antiga. Catálogo e Guia de algumas obras de arte temporariamente agrupadas neste Museu, representativas de diversos aspectos artísticos derivados do Descobrimto do caminho marítimo da Índia*, Lisboa, 1932, pp. 37 (nota) e 43-44; MARKL, Dagoberto, *ob. cit.*, pp. 12-13, 26 e 155.

39 Sobre este códice, ver: ORTIGÃO, Ramalho — *Exposição de Arte Sacra ornamental promovida pela Comissão do centenário de Santo António em Lisboa no*



Nos três primeiros códices citados, dos fins do século XV, a *Arvore de Jessé* conjuga-se com o tema da *Anunciação*. Fica este último, no exemplar da Biblioteca Nacional, justamente no fundo da iluminura, entre as figuras do Arcanjo e de Maria; nos outros dois exemplares a composição arbórea, sem a Virgem Maria, serve de bordadura à cena da *Anunciação*. Já na fachada da igreja de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, a *Árvore de Jessé* era acompanhada, lateralmente, pelas imagens da *Anunciação*. O simbolismo da *Árvore de Jessé* torna-se, em semelhantes casos, transparente, surgindo como elemento prefigurativo da concepção de Jesus.

O *Livro de Horas* da Biblioteca Nacional de Lisboa, de origem ganto-brugense, e, com a mesma origem (atribuídos a Alexandre Bening), o *Breviário* de D. Leonor (esposa de D. João II) e o *Breviário* Mayer van der Bergh, apresentam sentada, e não deitada, a figura de Jessé, de cujas mãos saem as raízes da planta que sustenta doze Reis de Judá. Jessé repercute ali uma fórmula que foi vulgar no norte da Europa nos fins do século XV e na primeira metade do século XVI — fórmula inspirada no famoso tratado *Speculum Hutnanae Salvationis*<sup>40</sup>.

No *Livro de Horas* dito de D. Manuel (porventura de D.

---

ano de 1895. *Catálogo da Sala de Sua Magestade El Rei*, Lisboa, 1895, pp. 60-70 (ou *Obras Completas* de Ramalho OrtigSo, *Arte Portuguesa*, vol. II, Lisboa, 1943, pp. 66-86); SANTOS, Reynaldo do — *Bibliografia*, in revista «Lusitânia», vol. I, Lisboa, 1924, pp. 409-412; TEIXEIRA, Garcês — *Contribuições para a História das Artes em Portugal* — V — *Uma Iluminura do século XVI*, Lisboa, 1925, pp. 5-7 (nota); FIGUEIREDO, José de — *A Natividade. Iluminura de Gregório Lopes (?) do «Livro de Horas de D. Manuel»* no Museu Nacional de Arte Antiga, in revista «Lusitânia», vol. III, Lisboa, 1925, pp. 137-139; SANTOS, Reynaldo dos — *Les pncipaux manuscrits à peintures conservés en Portugal*, in *loc. cit.*, pp. 24-25; FIGUEIREDO, José de — *Museu Nacional de Arte Antiga. Catálogo e Guia* cit., pp. 33-48; GUSMÃO, Adriano de, *ob. cit.*, pp. 212-214; FARO, Jorge — *O Livro de Horas chamado de D. Manuel*, in revista «Panorama», 3.<sup>a</sup> série, n.º 6, Lisboa 1957, pp. 69-76; RIBEIRO, Margarida, e PORTUGAL, Fernando — *Livro de Horas de D. Manuel Subsídios para a reconstituição da vida popular portuguesa no século XVI*, in revista «Panorama», 4.<sup>a</sup> série, n.º 32, Lisboa, 1969, pp. 101-114; SANTOS, Reynaldo dos — *Oito Séculos de Arte Portuguesa*, vol. III, Lisboa, s. d., pp. 296-311; BEAUMONT, Maria Mce — *Livro de Horas de D. Manuel*, in revista «Observador», n.º 16, Lisboa, 4 de Junho de 1971, p. 62; MARKL, Dagoberto — *Livro de Horas de D. Manuel*, Lisboa, 1983; etc.

<sup>40</sup> MÂLE, Émile — *UArt Religieux de lafin du Moyen Age en France*, **cap.II**, 7,5.<sup>a</sup> edição, Paris, 1949, p. 82.

D. João III), a iluminura da *Árvore de Jessé*, delicadamente colorida, ocupa toda uma página (fólio 246 v.) e patenteia aspectos peculiares. Doze Reis de Judá, e cinco Profetas, se distribuem pelos ramos da árvore, que alardeia, no vértice, a Virgem com o Menino ao colo. Em baixo, o corpo de Jessé jaz dentro de um sepulcro, de capuz de frade na cabeça e mãos cruzadas sobre o ventre, com uma caveira em que apoia o cotovelo do braço direito! No caixilho do quadro, em latim, a profecia de Isaías sobre Jessé.

A singular iluminura será datável do segundo quartel do século XVI. Executado em Portugal entre 1517 e cerca de 1540, este *Livro de Horas* provém da acção colectiva de vários artistas, entre os quais António de Holanda. De qualquer modo, e uma vez que se perderam outros exemplares, a iluminura em questão oferece talvez o mais antigo espécime que nos resta das *Árvores de Jessé* feitas no nosso país.

Pela mesma época, de resto, composições idênticas apareciam, noutros materiais, dentro das igrejas. Sumiu-se, desafortunadamente, na voragem do tempo, o grande retábulo quinhentista da capela-mor da Sé de Lamego, onde uma *Árvore de Jessé* de quinze imagens de madeira se combinava com vinte painéis, de temática diferente, pintados por Vasco Fernandes. Sabemos, graças às pesquisas de Vergílio Correia, que um primeiro contrato com Vasco Fernandes (*Grão Vasco*) se assinou em Lamego, entre o bispo D. João Camelo de Madureira e o pintor, em 7 de Maio de 1506; quatro meses mais tarde, num outro contrato, ampliou-se o número das peças a serem executadas pelo artista (que, por seu turno, em 29 de Setembro contratou os entalhadores «framengos» Arnao de Carvalho e João de Utreque para a feitura da obra de maçonaria)<sup>41</sup>. Em 2 de Julho de 1509, avançada já a obra das pinturas, o mesmo bispo de Lamego encarregou Arnao de Carvalho de colocar no retábulo, acima do altar, «a estória de nossa Senhora q se chama a Virge de Jasee», na qual, além da de Jessé, se poriam doze esculturas dos reis de Judá, dispostos «na árvore» e mostrando as «suas coroas e cadeas e colares e Rotollos» — esculturas finalmente rematadas pelas de Nossa Senhora e do Menino Jesus<sup>42</sup>. Arnao de Carvalho tomou como parceiro, em 1510, o

---

<sup>41</sup> CORREIA, Vergílio — *Vasco Fernandes, mestre do retábulo da Sé de Lamego*, Coimbra, 1924, pp. 91-107.

\*2 Idem, *ibidem*, pp. 108-110.

entalhador Angelo Ravanel, «burguinhão»<sup>43</sup>. E em 30 de Abril de 1511, por outro instrumento tabeliônico, Vasco Fernandes e o seu colaborador Fernão de Eanes obrigaram-se a dourar «de boo ouro fino», e a pintar «de boas cores e boo azul», toda a *Arvore de Jessé* — pronta breves meses depois<sup>44</sup>. Aurifulgente e policroma, à maneira da Flandres, a composição destacar-se-ia enquadrada pelas numerosas tábuas pintadas por Vasco Fernandes<sup>45</sup>. Estava-se perante um retábulo verdadeiramente aparatoso<sup>46</sup>.

De menores dimensões, mas análogo, seria o desaparecido retábulo da abside da capela de Nossa Senhora da Pena, no castelo de Leiria. Pelos meados do século XVII o anónimo autor d' *O Couseiro* narra que após o incêndio ocorrido na abside em 1517 se erguera outro retábulo «de quatro painéis e muitas figuras, de vulto, com a árvore de Jessé, obra muito curiosa, e excelente pintura», sobrepujada pelo grupo da *Santíssima Trindade*<sup>47</sup>. Também

---

<sup>43</sup> Idem, *ibidem*, pp. 110-111.

<sup>44</sup> Idem, *ibidem*, pp. 117-119.

<sup>45</sup> Destas tábuas, que representavam a *Criação do Mundo* e *cenar da vida da Virgem*, salvaram-se apenas cinco, hoje no Museu Regional de Lamego. Ver: SANTOS, Luís Reis — *Vasco Fernandes e os Pintores de Viseu do século XVI*, Lisboa, 1946, p. 66.

<sup>46</sup> Robert C. Smith, por equívoco, supôs que o trabalho dos mestres Vasco Fernandes e Arnao de Carvalho se desdobrara por dois retábulos distintos, e não por um só. Ver: SMITH, Robert C. — *A Talha em Portugal*, Lisboa, 1963, p. 21; GONÇALVES, Flávio — *A primeira síntese sobre a Talha Portuguesa*, in suplemento «Cultura e Arte» do jornal «O Comércio do Porto» de 11 de Fevereiro de 1964.

Acrescente-se que na primeira metade do século XVI se levantaram em Portugal mais retábulos assim aparatosos, em que peças de escultura de madeira se articulavam com quadros pintados. Lembro o retábulo da capela de Nossa Senhora da Glória, na igreja do mosteiro de Santo Elói, em Lisboa (desaparecido com o terramoto de 1755) e o retábulo da capela-mor da igreja do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (disperso no século XVII). Ver, respectivamente: SANTA MARIA, P.<sup>c</sup> Francisco de — *O Céu Aberto na Terra*, Lisboa, 1697, pp. 437-438; DIAS, Pedro — *O retábulo quinhentista da igreja de Santa Cruz de Coimbra*, in revista «Mundo da Arte», n.º 16, Coimbra, 1983, pp. 3-14. Ver também a nota seguinte.

<sup>47</sup> *O Couseiro ou Memórias do Bispado de Leiria* (Braga, 1868), pp. 11-12.

Relativamente ao pormenor do grupo da *Santíssima Trindade* sobrepujar a *Árvore de Jessé* lembre-se que isso já acontecia na época do Românico, como se verifica, na Espanha, nos exemplos do claustro do mosteiro de Silos (Burgos) e do Pórtico da Glória da catedral de Santiago de Compostela. Ver: PAMPLONA, Germ in de — *Iconografía de la Santíssima Trindade en el Arte Medieval Espanol*, Madrid, 1970, pp. 75-79.

este retábulo ardeu em 1620, escapando ao novo incêndio somente a imagem da Virgem e os quatro painéis (peças depois extra-  
viadas)<sup>48</sup>.

Corriam então, sobretudo nos meios eclesiásticos, as *Bíblías* ornadas de xilogravuras representando a *Arvore de Jessé* > estampas que quase sempre apareciam no início do *Evangelho* de S. Mateus, onde se encontra o texto acerca da genealogia de Cristo<sup>49</sup>. Tais gravuras deviam inspirar a encomenda e a factura dos exemplos destinados às capelas e igrejas. Inserem-se nessa iconografia (dedicada, aliás, à Virgem Maria) diversas pinturas sobre tábua que, do decurso do século XVI, chegaram até nós. De valor artístico desigual, delas se destaca, pela sua qualidade, o painel do Museu de Arte Sacra do Porto, proveniente do Colégio de Ermesinde, que, datável dos meados de Quinhentos, mostra uma típica *Arvore de Jessé* com doze Reis de Judá e o Jessé sentado num cadeirão? dormindo<sup>50</sup>. Muito rude é, em contrapartida, uma tábua da igreja matriz de Santa Cruz da Graciosa (Açores)<sup>51</sup>. E uma explanação mais própria exibiria o (desaparecido) exemplar das portas de um oratório do claustro superior do convento de Santa Clara do Funchal<sup>52</sup>. Distinga-se ainda o painel da ousia da capela de Nossa Senhora de Guadalupe, em Moucos (Vila Real), caracterizado (como acontece nas iluminuras dos fins do século XV que atrás mencionei) pelo facto de os Reis de Judá emergirem, em meios corpos, das corolas das flores que a árvore ostenta — expressão vulgar no período do Gótico, influenciada, ao que se julga, pelo Oriente<sup>53</sup>.

<sup>48</sup> *O Couseiro* cit. p. 12.

<sup>49</sup> Posso citar, ao acaso: a *Bíblia* impressa por Claudius Davost, Troyes, 1505, foi. CCCVIII (Biblioteca Nacional de Lisboa, *Bib.* 380 V.); a *Bíblia* impressa por Magistrum Nicolaum de Benedictis, Lugduni, 1512, foi. CCCXXVII v. (Biblioteca Nacional de Lisboa, *Bibl.* 440V.); a *Bíblia* impressa por Johanem Moylin de Cambray, Lugduni, 1520, foi. CCCXLVII (Biblioteca Nacional de Lisboa, *Bibl.* 42 A); a *Bíblia* impressa por Guilelmun Boulle, Lugduni, 1542, foi. 449 (Biblioteca Nacional de Lisboa, *Bib.* 242 P.); etc.

<sup>50</sup> BRANDÃO, D. de Pinho— *Para a História da Arte. Algumas obras de interesse*, in revista «Museu», 2.<sup>a</sup> série, n.º 2, Porto, 196.1, pp. 80-85.

<sup>51</sup> RAPOSO, Hipólito — *Painéis Quinhentistas de Santa Cruz da Graciosa*, Lisboa, 1941, p. 13;

<sup>52</sup> ZAGALLO, Manuel C. de Almeida Cayola — *A Pintura dos séculos XVe XVi da Ilha da Madeira (Subsídios para o seu estudo e inventário)*, Lisboa, 1943, p. 72.

<sup>53</sup> BALTRUSAITIS, Jurgis— *Le Moyen Age Fantastique. Antiquités et exotismes dans l'Art Gothique*, Paris, 1955, pp. 201-204.

A uma intenção diferente, ligada aos conceitos renascentistas da história do Universo, pertence o desenho aguado que Francisco de Holanda à roda de 1575, fez para o seu álbum das *De Aetatibus Mundi Imagines*, guardado na Biblioteca Nacional de Madrid <sup>54</sup>. A *Árvore de Jessé*, que marca a sexta idade do mundo, preenche o fólio 74 e está cheia da simbologia recolhida nos textos sagrados — desde a figura convencional de Jessé, deitado e adormecido, até à flor cimeira de três pétalas visíveis (*Spes, Fides e Caritas*) em que aparecem a Virgem e o Menino. No tronco da árvore lê-se, longitudinalmente, a palavra *Humilitas*. E os Reis de Judá, em número de quinze, em meios corpos, encontram-se todos identificados pelo seu nome e seus atributos: David tocando a harpa; Salomão sugurando o templo de Jerusalém; Roboão com o ceptro partido e a coroa em chamas, numa alusão à perda de grande parte do território do seu reino; Jeroboão colocado de costas, a lembrar o desagrado que provocou ao Senhor; etc.

4. Com os finais do século XVI, e o século XVII, em pleno período da Contra-Reforma (ou da Reforma católica), deu-se uma grande importância à devoção mariológica, agora centrada sobretudo no culto da Imaculada Conceição — o que provocou uma larga ressonância no campo iconográfico <sup>55</sup>. Na Espanha o culto da Imaculada ganhou foros particulares, e daí irradiou para Portugal, onde em 1646 a Imaculada Conceição foi proclamada padroeira do reino <sup>56</sup>. Por isso nos dois países são tão numerosas as imagens da Virgem daquela invocação. Paralelamente, em ambos

---

<sup>54</sup> Sobre este álbum, ver: BLANCO, Francisco Cordeiro — *Identificación de una obra desconocida de Francisco de Holanda*, in «Archivo Espanol de Arte», tomo XXVIII, n.º 109, Madrid, 1955, pp. 1-37; Sylvie Deswarte—Les «*De Aetatibus Mundi Imagines*» de Francisco de Holanda, Paris, 1983 (separata de «Monuments et Mémoires publiés par L' Académie des Inscriptions et Belles-Lettres»); OLLANDA, Francisco d' — «*De Aetatibus Mundi Imagines*». *Livro das Idades*. Edição fac-similada com estudo de Jorge Segurado, Lisboa, 1983; etc.

<sup>55</sup> MÂLE, Émile — *UArt Religieuse de la fin du XVI<sup>e</sup> siècle, du XVII<sup>e</sup> siècle et du XVIII<sup>e</sup> siècle. Étude sur Viconographie après le Concile de Trente*, cap. II, 3 (2.<sup>a</sup> edição, Paris, 1951, pp. 41-48; RÉAU, Louis — *Iconographie de VArt Chrétien*, tome II — *Iconographie de la Bible — II — Nouveau Testament*, Paris, 1957, pp. 82-83 e 126-127.

<sup>56</sup> ALMEIDA, Fortunato de — *História da Igreja em Portugal*, nova edição preparada e dirigida por Pamião Peres, vol. II, Barcelos, 1968, p. 558,

os países persistiu a representação da *Arvore de Jessé*, ora adstrita ao culto da Virgem em geral, ora ao culto da Imaculada Conceição.

Em 1588, aquando da celebrada entrega de relíquias sacras à igreja de S. Roque de Lisboa, então dos jesuítas, um dos arcos triunfais erguidos perto do templo — arco consagrado precisamente à Virgem da Conceição — terminava com o ramo (ou a vara) de Jessé, «que é figura de Nossa Senhora», no qual se lia *Virga lesse floruit*<sup>57</sup>. Anos mais tarde, em 1595, entre os cerca de trinta cofres de prata dourada que o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra mandou fazer para neles encerrar as relíquias que o convento também acabara de juntar às que já possuía, o tema que se julgou conveniente lavrar no (desaparecido) cofre destinado às relíquias da Mãe de Jesus foi, nem mais nem menos, o da *Árvore de Jessé*, «feita com muito artifício»... «com os reis ascendentes da Virgem»<sup>58</sup>.

A seguir, e até ao primeiro quartel do século XVIII, o tema derramou-se, entre nós, através de dezenas de exemplos, numa popularidade inusitada. Aos doze Reis da regra (tantos quantos os Apóstolos), acrescentavam-se-lhes por vezes a imagem de S. José — numa clara intenção de dar mais rigor histórico à composição genealógica<sup>59</sup> — ou mesmo a cena do *Encontro de Santa Ana e S. Joaquim*, que desde o século XVI simbolizava a Imaculada Conceição<sup>60</sup>.

Dos fins do século XVI, ou dos começos do século seguinte, data a *Arvore de Jessé* do interior da igreja da Misericórdia de Cabeção, no concelho de Mora, pintada, na parede, por cima da porta principal — ao lado de uma *Arvore da Ordem de S. Francisco de Assis*<sup>61</sup>. Entretanto, dos princípios do século XVII, pro-

<sup>57</sup> CAMPOS, Manuel de — *Relaçam do Solenne recebimento que se fez em Lisboa ás santas relíquias q se leuáram á igreja de S. Roque*, Lisboa, 1588, pp. 76v.-81.

<sup>58</sup> SANTA MARIA, Nicolau de — *Crónica da Ordem dos Cónegos Regrantes do Patriarca S. Agostinho*, 2.<sup>a</sup> parte, Lisboa, 1668, pp. 77 e 332.

<sup>59</sup> Ver as notas 3 e 6.

<sup>60</sup> GONÇALVES, Flávio — *Breve ensaio sobre a iconografia da pintura religiosa em Portugal*, in Boletim «Belas Artes», 2.<sup>a</sup> série, n.º 27, Lisboa, 1972, p. 42.

<sup>61</sup> As *Arvores de Jessé* inspiraram outras composições arbóreo-genealógicas na arte religiosa e na arte profana — matéria que não entra neste estudo. Sobre o assunto ver: GONÇALVES, Flávio — *Para a compreensão de um retábulo do século XVII*, in suplemento «Cultura e Arte» do jornal «O Comércio do Porto» de 24 de Janeiro de 1951; GONÇALVES, Flávio — *Em torno da iconografia das nove irmãs gémeas*, in «Boletim Cultural» (da Câmara Municipal do Porto), vol. XXV, n.ºs 3-4, Porto, 1962, pp. 476-479.

vém o belo espécime da igreja matriz de Azambuja, pintado sobre madeira e atribuído a Simão Rodrigues <sup>62</sup>, com um ramo florido a circundar a Virgem e o Menino.

Continuando no capítulo da pintura citem-se agora os exemplares da ilha da Madeira: as duas longilíneas telas de uma capela do claustro inferior do mosteiro de Santa Clara do Funchal (a mostrarem só os Reis de Judá) e a tela do retábulo-mor da igreja matriz de Machico, de grandes proporções.

Até numa carta geográfica de pergaminho, de 1631, e do cartógrafo português Pascoal Roiz, há, no meio de outros temas religiosos, uma iluminura com a *Arvore de Jessél*. Nessa carta, que se encontra na Biblioteca Comunal de Dinan (França), seis dos reis estão sentados, e os demais de pé, enquanto a Mãe de Jesus aparece numa mescla iconográfica da Imaculada Conceição e de Nossa Senhora do Rosário <sup>63</sup>. Não menos interesse patenteia o manuscrito, de 1633, do *Compromisso da Irmandade da Virgem N. 5. da Conpceição* da igreja de Santo Estevão da Alfama (Lisboa), manuscrito que há anos vi guardado num aposento da vizinha capela de Nossa Senhora dos Remédios. A iluminura da *Árvore de Jessé*, com que abre o volume, oferece como motivo de realce, no meio da árvore, as figuras de *Santa Ana e S. Joaquim*, das quais saem os ramos em que se apoia a Virgem, de pé; no alto da árvore surge ainda uma pequena *Natividade de Jesus*.

De azulejo policromado temos um exemplar característico na igreja matriz de Mação (Abrantes), por sobre o arco da capela colateral da Epístola. Igualmente aqui a Virgem Maria aparece sob as formas iconográficas de Nossa Senhora do Rosário. O painel azulejar deve ser de 1644, que é a data que se lê em outro dos painéis de azulejo da igreja <sup>64</sup>.

---

<sup>62</sup> Junta Distrital de Lisboa — *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, vol. I, Lisboa, 1962, p. 48 (textos de Julieta Ferrão e de Adriano de Gusmão); MARKL, Dagoberto, e SERRÃO, Vítor — *Os tectos maneiristas da Igreja do Hospital Real de Todos-os-Santos (1580-1613)*, in «Boletim Cultural» (da Assembleia Distrital de Lisboa), n.º 86, 1.º tomo, Lisboa, 1980, p. 200; SERRÃO, Vítor — *A Pintura Maneirista em Portugal*, Lisboa, 1982, p. 91.

<sup>63</sup> CORTESÃO, Armando, e MOTA, Avelino Teixeira da — *Portugaliae Monumenta Cartographica*, vol. V, Lisboa, 1962, p. 21, est. 533.

<sup>64</sup> Biblioteca Nacional de Lisboa — *Guia de Portugal*, vol. II Lisboa, 1927, p. 394; SANTOS, Reynaldo dos — *O Azulejo em Portugal*, Lisboa, 1957, p. 85.

Por equívoco, Santos Simões registou não a data de 1644, mas a de 1664. Ver:

Na capela da Quinta do Sobreiro (ou de Nossa Senhora do Rosário), na freguesia da Facha, concelho de Ponte de Lima, existiu também uma pintura mural com a *Árvore de Jessé*. A capela aparenta os finais do século XVII e, na verdade, num dos portões da Quinta acha-se gravado o conograma de 1678. Ao retirar-se, no nosso século, o velho retábulo da capela, descobriu-se, atrás dele, um arruinado «fresco» daquele tema, que foi destruído<sup>65</sup>. Talvez a imagem de Nossa Senhora do Rosário, que se venera na capela, tivesse estado unida, primitivamente, ao referido «fresco».

Importante é, pelas suas dimensões, a *Árvore de Jessé* que cobre o tecto da nave da capela de Nossa Senhora da Penha de França, na Vista Alegre (Ílhavo). Encomendada pelo bispo D. D. Manuel de Moura Manuel, remonta aos últimos anos do século XVII<sup>66</sup> e os seus dezasseis reis flanqueiam o caule, no alto do qual se vê, de corpo inteiro, a Virgem da Conceição — envolta numa elipse de luz, que pequenos anjos esvoaçantes acolitam. Ao invés, possui uma feição grosseira, popular, uma pintura sobre tábuas da igreja matriz de S. Tiago de Rio de Moinhos (concelho de Borba), porventura já do século XVIII; a imagem escultórica da Virgem, que preenchia todo o eixo da árvore e dos reis, encontra-se hoje no Museu de Vila Viçosa.

Mais pinturas da *Árvore de Jessé* existiram em Portugal. Os inventários oitocentistas das obras de arte recolhidas nos mosteiros extintos aludem a telas onde o tema se desenvolvia, nomeadamente no convento de Santa Apolónia, em Lisboa,<sup>67</sup> no con-

---

SIMÕES, J. M. dos Santos — *Azulejaria em Portugal no século XVII*, tomo II, Lisboa, 1971, p. 153.

Na Espanha, a *Árvore de Jessé* já aparece em azulejos dos começos do século XVI. Ver: FROTHINGHAM, Alice Wilson — *Tile Panels of Spain*, New York, 1969, pp. 14 e 15, ests. 27 e 28.

<sup>65</sup> Informação dos actuais proprietários da Quinta.

<sup>66</sup> GOMES, J. A. Marques — *A Vista Alegre. Apontamentos para a sua história*, Porto, 1883, pp. 10-11.

Os retábulos da nave da capela são dedicados a Nossa Senhora da Conceição e a Nossa Senhora do Rosário.

<sup>67</sup> *Documentos relativos à entrada de quadros e sua distribuição depois da supressão dos conventos*, in «Boletim da Academia Nacional de Belas Artes, Documentos», III, Lisboa, 1938, p. 39,



vento de Brancanes, em Setúbal<sup>68</sup> e na capela de Nossa Senhora do Rosário da cerca do convento do Calvário, em Évora<sup>69</sup>.

Também à arte indo-portuguesa chegaram as representações da *Árvore de Jessé*. Um pano de armar dos séculos XVI-XVII, da colecção J. da Cunha Reis (Lisboa), mostra o tema bordado ao centro, completo (embora só com seis Reis de Judá), e nas barras laterais, uma de cada lado, composições com mais reis pousados nas árvores saídas do ventre de Jessé<sup>70</sup>. Na antiga colecção de Ernesto de Vilhena outrossim se contava uma colcha indo-portuguesa, do século XVII, com a *Árvore de Jessé* bordada<sup>71</sup>. E é bem conhecido dos especialistas o exemplar do século XVII, em marfim, encerrado num oratório, hoje na posse de Walter Cudell, do Porto, por compra, em 1955, a um antiquário da capital; de factura requintada, apresenta oito Reis de Judá como ascendentes da Virgem da Conceição — esta sobrepujada pelo Padre Eterno e pela pomba do Espírito Santo<sup>72</sup>.

Por vezes, no século XVII, a *Árvore de Jessé* aparece em superfícies quase insólitas. Uma escultura de pedra de Ançã de *Nossa Senhora da Conceição*, na igreja paroquial de Paços de Brandão

---

<sup>68</sup> Idem, *ibidem*, p. 80.

<sup>69</sup> ESPANCA, Túlio — *As mais antigas colecções de pintura da livraria de D. Frei Manuel do Cenáculo e dos extintos conventos de Évora*, in revista «A Cidade de Évora», ano VI, n.º 17-18, Évora, 1949, p. 495.

<sup>70</sup> XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura — *Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento. Jerónimos II* (Catálogo), Lisboa, 1983, p. 161, n.º 106 (texto de Maria Helena Mendes Pinto).

<sup>71</sup> Ver o n.º 10 do Inventário feito por Maria José de Mendonça em nome do Museu Nacional de Arte Antiga (Sala dos Elefantes, contador indo-português, gaveta 5).

<sup>72</sup> FERRÃO, Bernardo — *Notas sobre a Arte Indo-Portuguesa*, in revista *Colóquio*, n.º 48, Lisboa, 1968, pp. 25-32; FERRÃO, Bernardo — *Exposição de Ambientes Portugueses dos sécs. XVI a XIX* (Catálogo), Porto, 1969, pp. 54-55, n.º 86; XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura — *Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento. Jerónimos II* (Catálogo), Lisboa, 1983, p. 265, n.º 253 (texto de Maria Helena Mendes Pinto).

Na igreja das Mercês, em Évora (secção das Artes Decorativas do Museu local), guarda-se um curioso oratório indo-português que pode considerar-se uma variante das *Árvores de Jessé*: ao centro, num templete, encontra-se a Virgem com o Menino, e nas duas portas laterais, em nichos internos, contam-se 18 figuras dos Reis de Judá, emergindo de flores de lótus. Ver: SILVA, Maria Madalena Cagigal e — *Oratórios Indo-Portugueses. O oratório do Museu de Évora*, in revista «A Cidade de Évora», n.º 43-44, Évora, 1960-1961, pp. 3-10.

(Feira), exhibe-a nos labores do manto da Virgem <sup>73</sup>; em Lamego, no Museu Regional, trepa por uma pilastra do retábulo de talha de 5. *João Evangelista* que veio da igreja do antigo convento das Chagas daquela cidade <sup>74</sup>; na capela da Quinta do Covelo, em S. Pedro de France (Viseu), expande-se, pintada, no peito da imagem de *Nossa Senhora do Ó* que serve de padroeira da capela <sup>75</sup>.

Noutras ocasiões, as composições arbóreas tiveram uma existência efémera. Assim aconteceu, em 1609, com a *Árvore de Jessé* armada na igreja do convento de S. Domingos de Viana do Castelo, na altura das cerimónias da trasladação dos restos mortais de D. Frei Bartolomeu dos Mártires <sup>76</sup>. Em 1656 o assunto reaparece numa procissão, em Évora, num carro alegórico da Imaculada <sup>77</sup>.

Mas as *Árvores de Jessé* mais grandiosas e mais conhecidas são constituídas por imagens de madeira estofada que ocupam, teatrais, o espaço central de retábulos de talha maneiristas e barrocos. Algumas delas substituíram, porventura, espécimes mais antigos, dos fins da Idade Média ou do século XVI. Outras desapareceram, deixando no entanto rasto em documentos escritos ou em vestígios materiais.

Impõe-se desde já destacar o papel que os dominicanos desempenharam na divulgação desses retábulos, consagrados ao culto marial da sua preferência — o de Nossa Senhora do Rosário. Aliás, já atrás referi diversas *Árvores de Jessé* ligadas à Virgem daquela invocação.

<sup>73</sup> COUTINHO, B. Xavier — *Nossa Senhora na Arte. Alguns problemas iconográficos e uma Exposição Marial*, Porto, 1960, p. 238, n.º 191 (e est. 62 da p. 319).

<sup>74</sup> GUIMARÃES, Alfredo, e SARDOEIRA, AJbano — *Mobiliário Artístico Português*, vol. I — Lamego, Porto, 1924, p. 58.

<sup>75</sup> Por equívoco, ou defeituosa informação, Fr. Agostinho de Santa Maria, no seu *Santuário Mariano*, vol. V, Lisboa, 1716, p. 494, afirmou que a *Árvore de Jessé* desta capela se encontrava atrás da escultura da padroeira. Tal erro, porém, já foi apontado. Ver: BRITO, A. da Rocha — *A gestação na Escultura Religiosa Portuguesa*, in revista «O Tripeiro», 5.ª série, ano I, n.º 7, Porto, 1945, p. 164.

<sup>76</sup> CACEGAS, Fr. Luís, e SOUSA, Fr. Luís de — *Vida de Dom Frei Bertolameu dos Mártires*, Viana, 1619, foi. 256v.

A *Árvore*, junto do altar de Nossa Senhora do Rosário, tinha os Reis de Judá, os Patriarcas e a Virgem.

<sup>77</sup> PEREIRA, Gabriel - *Estudos Eborenses*, 2.ª edição, vol. II, Évora, 1948, p. 246.

Na Flandres, desde os fins da Idade Média que a *Arvore de Jessé* aparecia nas procissões, em grupos de figuras ou em representações artísticas. Ver: MEURANT, René—*Le cortège d'A th du XV<sup>e</sup> au XIX<sup>e</sup> siècle*, in Boletim «Credit Communal de-Belgique», 20<sup>e</sup> année, n.º 78, Bruxelles, 1966, pp. 180 e 182.

Escritores dos séculos XVII e XVIII mencionaram a existência, na capela de Nossa Senhora do Rosário da igreja do convento de S. Domingos de Lisboa, de um monumental retábulo formado por «uma grande árvore» que continha «os ascendentes da Rainha dos Anjos, cuja imagem de vulto» estava «no mais alto da árvore»<sup>78</sup>. Tratava-se talvez do retábulo executado em 1614 pelo entalhador Luís de Évora, que no seu trabalho reproduziu a «traça e modelo que para isso» lhe foram dados<sup>79</sup>. O terramoto de 1755, e o incêndio que se lhe seguiu, devoraram esta (ou uma sua sucedência) obra de talha e escultura<sup>80</sup>.

Em Évora, para a capela de Nossa Senhora do Rosário da demolida igreja do convento de S. Domingos, o marceneiro João Nobre e o mestre escultor Adrião Pires de Faria comprometeram-se, em 1625, a fazer um retábulo com uma *Arvore de Jessé* de vinte e duas imagens, a qual, além das esculturas de Jessé, dos doze Reis de Judá, de S. José e da Virgem Maria, incluía mais «oito santos» colocados em nichos — tudo segundo um risco da autoria do «padre D. Tomé», prior do convento cartuxo da cidade; nos finais do ano imediato os pintores Custódio da Costa, Bartolomeu Sanches e António Vogado começaram a dourar, a pintar e a estofar o vasto conjunto, que devia ter ficado admirável<sup>81</sup>. Todavia, em 1683, a confraria de Nossa Senhora do Rosário da dita capela resolveu mandar erguer uma nova e ainda maior *Árvore de Jessé*, vendendo o exemplar de 1625 aos proprietários de uma «Quinta de regalo» situada em Escoural (Montemor-o-Novo), onde se levantava uma ermida dedicada a Nossa Senhora do Rosário<sup>82</sup>. Ambos os retábulos, infelizmente, desapareceram.

<sup>78</sup> *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*, com prefácio e notas de Durval Pires de Lima, vol. I, Lisboa, 1950, pp. 93-94.

Ver também: CARDOSO, Jorge — *Agiologio Lusitano*, tomo I, Lisboa, 1652, p. 62.

<sup>79</sup> SERRÃO, Vítor — *Marcos de Magalhães, arquitecto e entalhador do ciclo da Restauração (1647-1664)*, in «Boletim Cultural» (da Assembleia Distrital de Lisboa), 3.<sup>a</sup> série, n.º 89, 1.º tomo, Lisboa, 1983, p. 304, nota 91.

<sup>80</sup> CASTRO, João Baptista de — *Mapa de Portugal Antigo e Moderno*, 2.<sup>a</sup> edição, tomo III, Lisboa, 1763, p. 312.

<sup>81</sup> Arquivo Distrital de Évora, *Tabelião Francisco Gonçalves Pegas*, livro 555, fols. 65v.-67v. e livro 556, fols. 104-107. Devo o conhecimento destes dois documentos ao meu querido e generoso amigo Dr. Vítor Serrão, distinto e fecundo historiador de arte.

<sup>82</sup> SANTA MARIA, Fr. Agostinho de — *Santuário Mariano*, vol. VI, Lisboa, 1718, pp. 345-346.

Contudo, da peça eborense de 1683, chegaram-nos as referências do P.e Manuel Fialho e de Fr. Agostinho da Santa Maria <sup>83</sup>.

Igualmente desapareceu o retábulo da confraria de Nossa Senhora do Rosário da destruída igreja do convento de S. Domingos do Porto. Conta um autor anónimo do século XVIII que a citada confraria havia encomendado, nos «anos de 1630 e tantos», um ítábulo em que «se acha hua Imagem de Jessé dormindo da qual nasce a sua arvore q tem 12 flores (e) brota os 12 Reis da sua descendência (*sic*) com suas coroas na cabeça e cetros empunhados postos em pé excepto os 2 últimos que sem coroas se achão de joelhos, a qual arvore remata com outra flor q brota no meio hua imagem de S. Joseph com seu resplendor de prata e na mão o seu ramo de assucenas de prata»; no trono da tribuna estava a imagem de pedra de Nossa Senhora do Rosário com o Menino, «estofada com todo o primor», e, em nichos, contemplavam-se, em figuras «de vulto», os episódios da *Anunciação*, da *Visitação* e de *Santa Ana e S. Joaquim* <sup>84</sup>. Note-se, porém, que em 1630, ao pregar um sermão nesta igreja do convento de S. Domingos do Porto, Fr. Inácio Coutinho apontou aos fiéis «aquela Virgem que ali vedes pintada e no alto daquela arvore entronizada» <sup>85</sup>. Teria havido no templo uma *Árvore de Jessé* anterior à de «1630 e tantos»?

Não temos também vestígios da *Árvore de Jessé* que existiu na capela de Nossa Senhora do Rosário da igreja de S. Domingos de Eivas, de talha e imaginária, que Fr. Agostinho de Santa Maria ainda viu, depois de em 1685 a encostarem mais à parede do fundo da capela e lhe porem uma nova escultura da Virgem <sup>86</sup>.

---

<sup>83</sup> FIALHO, P.º Manuel — *Évora Ilustrada*, tomo IV, fols. 436-436v. (Manuscritos da Bibliografia Pública de Évora, códice V\T> SANTA MARIA, Fr. Agostinho de, *ob. cit.*, vol. VI, p. 44.

<sup>84</sup> FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e — *As Capelas de S. Domingos do Porto*, in «Boletim Cultural» (da Câmara Municipal do Porto), vol. II, fase. 2 Porto, 1939, pp. 204-205; ABRANTES, António — *O antigo mosteiro de S. Domingos*, in revista «O Tripeiro», 6.ª série, ano VIII, n.º 7, Porto, 1968, pp. 217-218.

<sup>85</sup> COUTINHO, Fr. Ignácio — *Sermão pregado na Igreja de S. Domingos da Cidade do Porto, no ultimo dia do triduo do Iubileu geral, que nella ouue polia Paschoa, da Ressurreição*, s.l.n.d.; MACHADO, Diogo Barbosa — *Biblioteca Lusitana*, tomo II, Coimbra, 1747, p. 536.

<sup>86</sup> SANTA MARIA, Fr. Agostinho de — *Santuário Mariano*, vol. VII, Lisboa, 1721, pp. 594-595.

A igreja do convento de S. Domingos de Viana do Castelo possuiu, igualmente, a sua *Árvore de Jessé* de madeira, seiscentista, adstrita ao retábulo da confraria de Nossa Senhora do Rosário<sup>87</sup>. Desmontada em 1761, ao substituir-se esse retábulo pelo actual<sup>88</sup>, não se perderam contudo as suas imagens, guardadas em dois recintos: a de Jessé na Casa do Despacho da confraria de Nossa Senhora do Rosário (por sobre o templo), e as dos Reis de Judá num anexo da sacristia, destinadas a um futuro museu. A imagem da Virgem com o Menino conservou-se no novo retábulo.

Não só para as igrejas dos conventos dominicanos se encomendaram, no século XVII, as *Árvores de Jessé* de talha e imaginária — policromas e cenográficas. Os frades franciscanos, muito devotos da Imaculada Conceição, também na mesma época promoveram o aparecimento, nos seus templos, daquelas composições. Disso dão testemunho os três exemplos (sobre os quais não temos documentos) que persistem nas igrejas dos antigos conventos de S. Francisco de Guimarães, de S. Francisco de Extremoz e de S. Francisco do Porto.

No primeiro, de conformação triangular, vê-se, por sobre a imagem da Virgem, a figurinha do Menino Jesus (como depois sucederá na *Árvore de Jessé* da igreja do Colégio de S. Paulo, em Braga). Quanto ao espécime da igreja de S. Francisco de Extremoz, colocado na capela de Nossa Senhora do Rosário e coevo e similar ao da igreja de Santa Maria de Olivença (que adiante mencionarei), foi mutilado no século XVIII com a abertura de três nichos (dois na base e outro no lugar da Virgem Maria); conserva, não obstante, o seu cunho monumental. Por seu turno, a aparatosa *Árvore de Jessé* da igreja de S. Francisco do Porto, aparentemente do último quartel do século XVII, revela a espectacularidade barroca pelo movimento de que estão animados os ramos da árvore e as figuras dos Reis de Judá que antecedem a escultura de pedra de Nossa Senhora da Conceição, de origem quinhentista, que se abriga no camarim do retábulo<sup>89</sup>.

---

<sup>87</sup> SMITH, Robert C. — *A verdadeira história do retábulo de Nossa Senhora do Rosário da igreja de S. Domingos, de Viana do Castelo*, in Boletim «Belas Artes» 2.<sup>a</sup> série, n.º 23, Lisboa, 1967, p. 20.

<sup>88</sup> Idem, *ibidem*, p. 22.

<sup>89</sup> SanfAna Dionísio afirmou que esta *Árvore de Jessé* era «de louça»! Ver: DIONÍSIO, SanfAna — *Guia de Portugal*, vol. IN — *Entre Douro e Minho* — I — *Douro Litoral*, Lisboa, 1965, p. 256.

Fora das igrejas dominicanas e franciscanas outras *Arvores de Jessé* seiscentistas existiram, resistindo algumas até os nossos dias. Magnífica, com as esculturas dos Reis de Judá de pé, dispostas em perfeita simetria, é a da igreja de Santa Maria do Castelo, em Olivença. Mais banais, provincianas, são as das igrejas paroquiais de Carvalhosa (Paços de Ferreira), de Beringel (Beja), de Pereira (Montemor-o-Velho) e de Painzela (Cabeceiras de Basto), ou a da igreja do Bom Jesus de Matosinhos (inserta num retábulo do segundo quartel do século XVIII) e a da capela do solar dos Soares de Albergaria, em Oliveira do Conde (Carregai do Sal). A 1676--1677 remonta a do retábulo da confraria de Nossa Senhora do Rosário da igreja de Santa Maria de Beja, executada pelo entalhador lisboeta Manuel João da Fonseca<sup>90</sup>, com a particularidade de apresentar a imagem de *S. José* ao centro da linha inferior dos Reis de Judá. Outra particularidade se acha no alto-relevo da *Árvore de Jessé* que se vê, no Funchal, no retábulo-mor da igreja do Coração de Jesus — retábulo proveniente da capela do antigo Hospital da Misericórdia —, no qual aparecem apenas dez Reis de Judá, mas com as figuras de *Santa Ana* e de *S. Joaquim* a flanquearem a flor espalmada onde outrora esteve a representação da Virgem.

De diversos exemplares restam-nos tão-só peças avulsas. Assim, de uma provável *Árvore de Jessé* da igreja matriz de Borba subsiste, na capela de Nossa Senhora do Rosário dessa igreja, a imagem tradicional de Jessé, datável dos princípios do século XVII. No Museu de Pio XII, em Braga (montado no antigo Seminário de Santiago), resta-nos também a imagem de Jessé da *Árvore* que existiu na capela-mor da ermida de Nossa Senhora da Conceição de Azurei, junto a Guimarães — atribuível ao terceiro quartel do século XVII<sup>91</sup> e mencionada por Fr. Agostinho de Santa Maria<sup>92</sup>. Em Portalegre, na Casa-Museu de José Régio, conservam-se dez pequenas esculturas dos Reis de Judá de uma *Árvore de Jessé*, seiscentista, da igreja da Misericórdia de Monforte; as outras duas esculturas do conjunto dos Reis encontram-se na colecção ebo-

---

90 CARVALHO, Ayres de — *D. João V e a arte do seu tempo*, vol. II, Mafra, 1962, pp. 104-106.

91 GONÇALVES, Flávio — *A Talha na Arte Religiosa de Guimarães*, in «Actas» do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada, vol. IV, Guimarães, 1981, p. 342.

92 SANTA MARIA, Fr. Agostinho de, *ob. cit.* vol. VI, p. 191.

rense de Vítor Topa, depois de terem pertencido ao Dr. António Cardoso, de Évora, que as comprara a um antiquário de Fronteira<sup>93</sup>. José Régio teve ainda, em Portalegre, algumas imagens de uma *Árvore de Jessé* do «norte do país» que lhe haviam sido oferecidas; por estarem em mau estado de conservação, o poeta *d'As Encruzilhadas de Deus* vendeu-as depois ao antiquário lisboeta José Manuel Leitão, que as negociou peça a peça<sup>94</sup>. E não longe de Portalegre, na freguesia de Aldeia Velha, no Concelho de Aviz, a capela de Nossa Senhora da Arrabaça, construída de 1653 a 1670, ostenta (ou ostentava), distribuídas por vários retábulos, as imagens da Virgem e dos Reis de Judá de uma *Árvore de Jessé* que o templo possuía<sup>95</sup>.

Ainda no capítulo das *Árvores de Jessé* de madeira, falta falar dos exemplares desaparecidos (ou hoje não localizados), dos quais no entanto temos notícias. Refira-se o do claustro do convento de Santa Clara, em Évora<sup>96</sup>; o de um dos coros do convento de S. S. João da Penitência, em Extremoz<sup>97</sup>; e o da capela de Nossa Senhora das Neves, no lugar de Lagoa, na freguesia de Várzea da Cova (concelho de Fafe)<sup>98</sup>.

Na igreja matriz de Ferreira, no concelho de Paços de Ferreira, houve uma *Árvore de Jessé* monumental, que ia do pavimento ao tecto, apeada e desfeita quando a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, pela década iniciada em 1930, restaurou a igreja —que é de estilo românico. Aguiar Barreiros classificou esta *Árvore* como a «mais aparatosa» que conheceu " e lamentou

<sup>93</sup> Informação que me prestou José Régio em 1965.

<sup>94</sup> Ver a nota anterior.

<sup>95</sup> SANTA MARIA, Fr. Agostinho de, *ob. cit.*, vol. VI, p. 139.

Acrescento que examinei estas imagens em 1958. Ignoro se de então para cá mudaram de poiso.

<sup>96</sup>\* PEREIRA, Gabriel — *Estudos Eborenses*, 2.<sup>a</sup> edição, vol. I, Évora, 1947, p. 152.

<sup>97</sup> Academia Nacional de Belas Artes—*Inventário Artístico de Portugal*. VIII—*Distrito de Évora*, vol. I, por Túlio Espanca, Lisboa, 1975, p. 157 b (nota).

Diz Túlio Espanca que julga «poder identificar, com reservas», parte das imagens desta *Árvore de Jessé* «com as subsistentes na colecção Casa-museu José Régio, de Portalegre». José Régio, todavia, afirmou-me que as suas imagens tinham vindo da igreja da Misericórdia de Monforte.

<sup>98</sup> SANTA MARIA, Fr. Agostinho de — *Santuário Mariano*, vol. IV, Lisboa 1712, p. 147.

<sup>99</sup> BARREIROS, Manuel de Aguiar— *Í Igreja Românica de S. Pedro de Ferreira*, in revista «Ilustração Moderna», ano III, n.º 20, Porto, 1928, p. 31.

que, em vez de a restaurarem e de a reerguerem em sítio conveniente, a tivessem destruído <sup>100</sup>. Pedro Vitorino, que conseguiu fotografar a parte superior do retábulo antes do seu apeamento <sup>101</sup>, chegou a ver, mais tarde, à entrada da residência paroquial, a escultura de Jessé (actualmente desaparecida) <sup>102</sup>. A Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais retirou a *Árvore de Jessé* a fim de pôr a descoberto, no interior do templo, um dos seus portais laterais, comentando a propósito que a composição aibórea fora «durante largo tempo, uma das curiosidades de maior fama entre o povo inculto das cercanias» <sup>103</sup>...

5. A primeira metade do século XVIII ainda assistiu à execução de várias *Árvores de Jessé* de talha e imaginária.

Ao entalhador barcelense Manuel de Azevedo se deve o exemplar do absidiolo do lado do Evangelho da igreja matriz de Caminha— exemplar de 1704-1705, muito interessante pelo barroquismo das suas formas contorcidas e pelo pormenor do Menino Jesus estar a beijar a sua Mãe <sup>104</sup>.

De alguns anos posterior penso ser a *Árvore de Jessé* do retábulo de Nossa Senhora da Conceição da igreja do antigo Colégio de S. Paulo de Braga (ou igreja de Santiago) <sup>105</sup>. O P.e Luís Cardoso

<sup>100</sup> BARREIROS, Manuel de Aguiar — *Ensaio Iconográfico. Exposição Mariana*, Braga, 1954, p. 42.

<sup>101</sup> BARREIROS, Manuel de Aguiar — *A Igreja Românica de S. Pedro de Ferreira*, in *loc. cit.*, est. da p. 35; *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*. Número 7 — *A Igreja de S. Pedro de Ferreira*, Porto, 1937, fig. 42.

<sup>102</sup> VITORINO, Pedro — *Arvores de Jessé*, in *Boletim «Douro-Litoral»*, 2.ª série, n.º 1, Porto, 1944, pp. 25-26.

<sup>103</sup> *Boletim Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*. Número 7 — *A Igreja de S. Pedro de Ferreira*, pp. 25-26.

Algumas das imagens da *Arvore de Jessé* de Ferreira, muito deterioradas (ver as notas 99 e 102), seriam as que, do «norte do país», foram oferecidas — como disse atrás — ao poeta José Régio ?

<sup>104</sup> SANTA MARIA, Fr. Agostinho de — *Santuário Mariano* vol. IV, Lisboa, 1712, p. 198; GUERRA, Luís de Figueiredo da — *Memória Histórica sobre a Matriz de Caminha*, in «*Boletim da Real Associação dos Arquitectos Cívicos e Arqueólogos Portugueses*», 3.ª série, tomo VIII, n.º 3-4, Lisboa, 1898, p. 46.

<sup>105</sup> Na mesma igreja, o retábulo, estilisticamente idêntico, de Nossa Senhora da Boa Morte, data de 1710. Ver: SMITH, Robert C — *A Casa da Câmara de Braga (1753-1756)*, in «*Boletim Cultural*» (da Câmara Municipal de Braga)\* vol. XXII, n.ºs 51-54, Braga, 1968, p. 318.



já a descreveu em 1751<sup>106</sup>. Trata-se de um belo e peculiar espécime, em que apenas dez Reis, sentados, quase escondem os ramos da árvore, em cuja base se encosta Jessé, reclinado e de olhos abertos. Por cima da Virgem, que domina a zona central, aparece uma carteia circular, sustentada por dois anjos, na qual se esculpiu uma pequena figura do Menino Jesus, de pé e desnudo. Alude tal figura ao patrono dos jesuítas, a quem pertencia a igreja? Ou, como já acontecera na *Árvore de Jessé* da igreja do convento de S. Francisco de Guimarães, a sua inclusão dependerá do desejo de se conciliar a composição genealógica com os textos bíblicos?

A fim de se conseguir essa conciliação — vimo-lo atrás — surgia por vezes a imagem de S. José. No Porto (talvez por influência do que acontecia na *Árvore de Jessé* da igreja do convento local de S. Domingos) os mordomos da confraria de Nossa Senhora da Conceição da igreja do convento de S. Francisco também em 1718 mandaram acrescentar à antiga *Árvore* da sua capela uma escultura do pai putativo de Jesus<sup>107</sup>. Na mesma altura se restaurou a *Árvore de Jessé* do século XVII, se levantou o actual retábulo, se colocaram imagens de *Santa Ana* e de *S. Joaquim*, e as de santos franciscanos que escreveram sobre a Virgem, etc.<sup>108</sup> Eis porque este exemplar da igreja do antigo convento de S. Francisco do Porto constitui, presentemente, o mais espectacular do nosso país.

De proporções muito mais modestas, e reduzida à fórmula comum, é a *Árvore de Jessé* da igreja matriz de Tamengos, no concelho de Anadia, igualmente atribuível ao século XVIII. Mas, num período afim, uma fórmula já insólita se nos antolha numa peça do Museu de Arte Sacra do Porto, onde, na árvore que irrompe de Jessé, as figuras habituais dos Reis de Judá foram substituídas por coroas reais, flores e frutos<sup>109</sup>. Estava-se cansado das produções tradicionais do tema.

6. Sob o ponto de vista iconográfico, as *Árvores de Jessé* dos séculos XVII e XVIII obedecem a certas convenções.

---

106 CARDOSO, P.º Luís — *Dicionário Geográfico*, tomo II, Lisboa, 1751, p. 250.

107 GONÇALVES, Flávio — *A Talha da Capela da «Árvore de Jessé» da igreja de S. Francisco do Porto e os seus autores*, Porto, 1971, pp. 10, 14, 29 e 69.

108 Idem, *ibidem*, pp. 11-30 e 65-85.

109 BRANDÃO, D. de Pinho — *Para a História da Arte. Algumas obras de interesse*, in revista «Museu», 2.ª série, n.º 2, Porto, 1961, p. 82.

O corpo de Jessé aparece deitado, quase sempre dormindo — num sonho premonitório —, com o cotovelo de um dos braços fincado no solo e, na mão desse braço, a cabeça encostada. Nesta posição já ele nos surge na iluminura românica da *Bíblia* da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Todavia, no exemplar da matriz de Machico, pousa as duas mãos nos primeiros ramos da árvore, enquanto que no tecto da capela de Nossa Senhora da Penha de França, na Vista Alegre, se encontra com o ventre voltado para baixo, saindo-lhe das costas as raízes da árvore. No retábulo da igreja do antigo Colégio de S. Paulo de Braga mostra-se nos reclinado, apoiado na árvore e num rochedo.

Exceptuando os casos que assinaei, o número dos Reis de Judá é de doze, ora de pé, ora sentados — postos nos ramos ou nas flores da composição arbórea.

Por vezes os ramos formam, no cimo, uma espécie de elipse ou de um óvulo, dentro dos quais está a imagem da Virgem, como que encerrada numa auréola (casos de Olivença, S. Francisco de Extremoz, S. Francisco de Guimarães, Carvalhosa, Ferreira, Braga, etc).

Num outro contexto — e sem a veleidade minha de supor que conheço todos os exemplares do país — repare-se que, sobretudo no século XVII, o tema se espalhou de norte a sul, com predominio nas regiões do Alentejo e de Entre-Douro-e-Minho. Multiplicou-se entre nós precisamente na época em que, no estrangeiro» ia desaparecendo. Por isso a *Arvore de Jessé* se pode considerar um assunto típico da nossa iconografia religiosa da Contra-Reforma. É mais um elemento a destacar naquele período tão rico, e tantas vezes original, da arte portuguesa.

Porto, 8 de Setembro de 1986

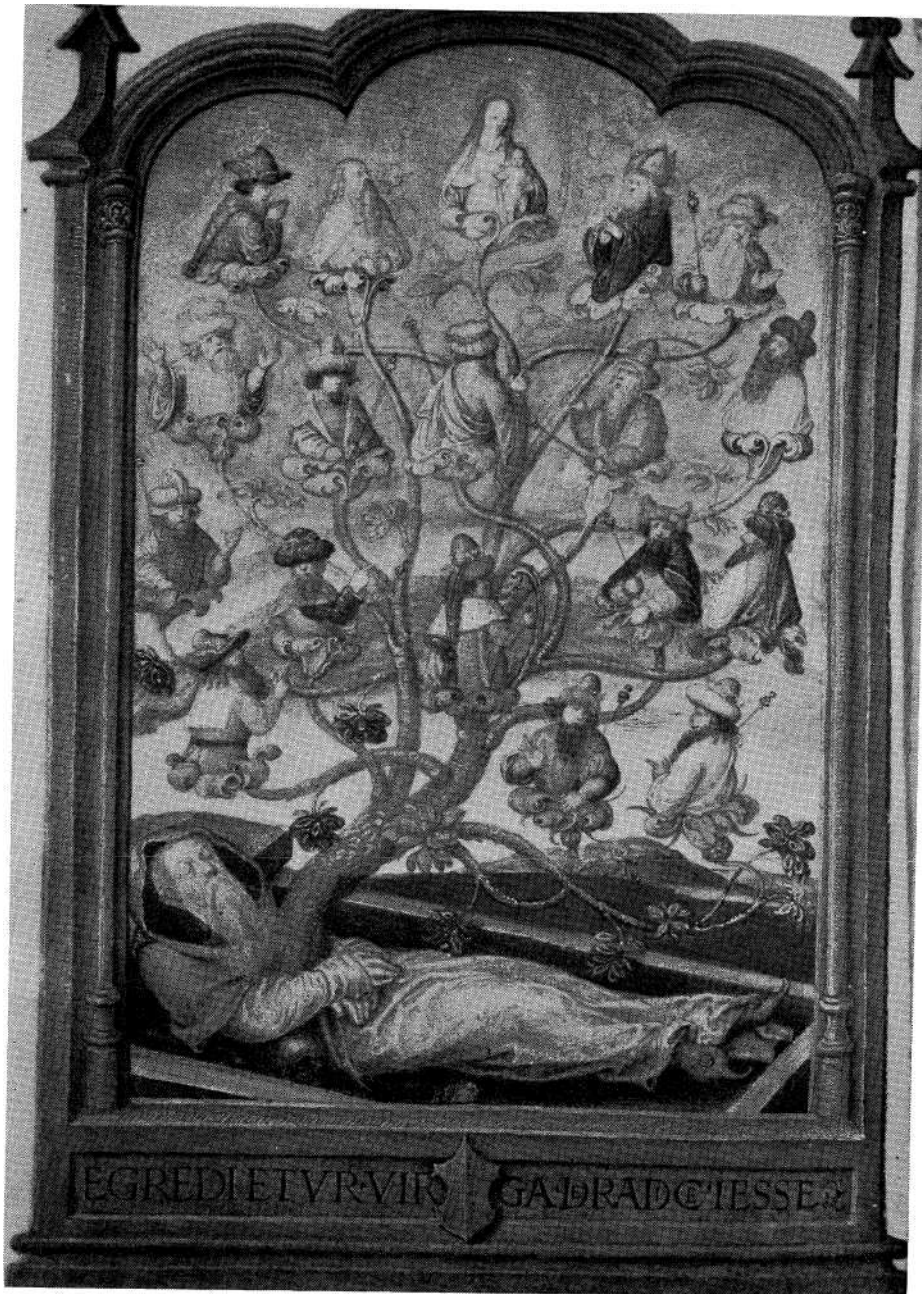


Fig. 1 — A árvore do chamado *Livro de Horas de D. Manuel I* (Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga).

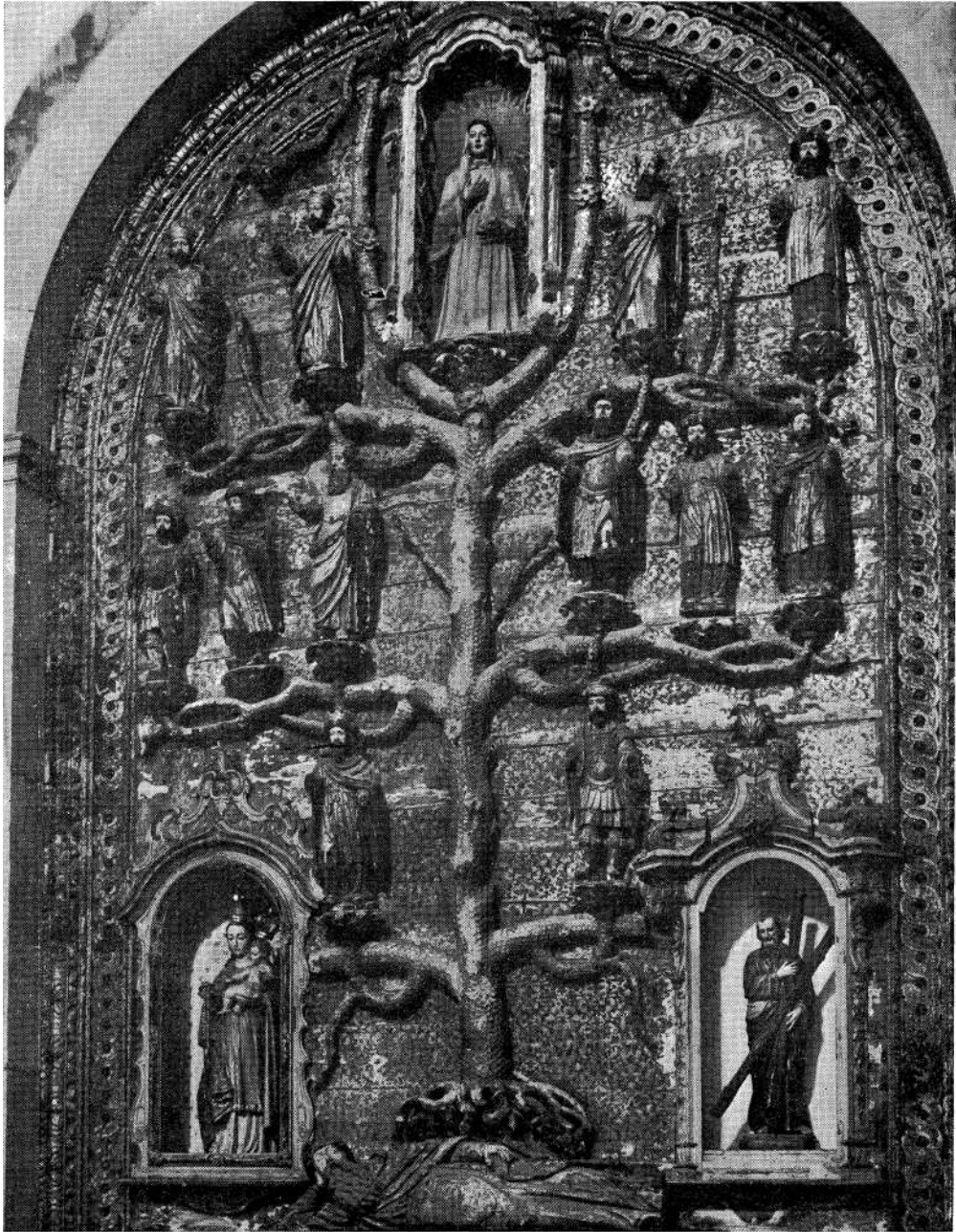


Fig. 2 — A *Arvore de Jessé* da igreja do convento de S. Francisco de Extremoz.



Fig. 3 - A *Arvore de Jessé* da igreja de Santa Maria de Beja.



Fig. 4 — A *Árvore de Jessé* da igreja do convento de S. Francisco do Porto.



Fig. 5-A *Árvore de Jessé* da igreja do Colégio de S. Paulo de Braga (ou igreja de Santiago).